Universidade Federal do Rio de Janeiro
Centro de Letras e Artes
Artes Visuais com a ênfase em Escultura

Coisas Incorporadas

Carlos Roberto Coelho da Silva

Rio de Janeiro
2018

Carlos Roberto Coelho da Silva

Coisas Incorporadas

Monografia apresentada como exigência para obtenção do grau de Bacharel em Artes Visuais com a ênfase em Escultura da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Orientador: Dr. Jorge Luiz Dutra Soledar

Rio de Janeiro
2018

RESUMO

Esta monografia intitulada de “Coisas Incorporadas” é fruto de minhas inquietações como artista e estudante de Artes Visual interessado na experiência corpórea e em seus fenômenos; tais como lembrança, movimento, sentimento, ancestralidade e o que eles podem motivar. A pesquisa pretende compreender modos de incorporação nas coisas comigo enquanto sujeito encarnado expressando sentimentos e lembranças que atravessam minhas proposições há alguns anos. Portanto irei expor com detalhes minhas visões cujo resultado foi uma sequência de tentativas de incorporar coisas que juntas ao meu corpo devem ser compreendidas como vozes com significações poéticas comunicando minhas vivências no mundo. Trata-se, portanto, de um estudo prático/teórico centrado na filosofia merleaupontyana como base teórica ligando os fatos observados no estudo, a partir do campo das Artes Visuias.

Palavras-chave: Corpo, coisas, incorporação

LISTA DE FIGURAS

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO

O presente estudo tem como fonte de inspiração minhas lembranças cuja visão descreve parte da minha vida com meus pais e como sujeito à deriva no mundo atravessando questões relacionadas à prática profissional e social onde encontro problemas de indiferença racial e subdesenvolvimento.

Portanto, as inquietações mencionadas avançaram no tempo me acompanhando em lugares por onde passei. Deste modo, foram se atualizando na memória trazendo à luz da consciência o desejo de transformar meu passado em proposições artísticas cujo suporte seria meu próprio corpo primeiramente incorporando coisas íntimas que encontrei na minha casa, tais como tecido, livro, caneta, touca e manta, como sinais que foram eleitos por mim como um caminho para o meu passado enquanto objetos de arte atrelados ao meu corpo como possibilidades de expressar meus sentimentos em gestos e encenações despreocupadas com o resultado às leituras condicionadas.

A fotografia e o vídeo adentram este estudo como suporte poético e documento de registro à posterioridade. Portanto, pretendo apresentar tentativas de incorporação nas coisas como estudo prático no campo da Arte Contemporânea almejando novas abordagens por meio desses dois dispositivos.

A pesquisa tem em seu repertório trabalhos de artistas que lidam com o corpo em suas poéticas em busca de aproximações conceituais e formais; tais como o brasileiro Hélio Oiticica (1937 -1980) artista plástico, pintor, performer e escultor que na década de 1960 interessou-se por questões envolvendo corpo, cor, espaço, movimento e relações de troca entre espectador e obra; Dalton Paula (1982) pintor, performer e gravador interessado na historiografia afro-brasileira e lutas de resistência do povo negro; Ayrson Heráclito (1968) artista professor centrado nos rituais de matriz Africana e seus preceitos.

Motivado por trabalhos anteriores desenvolvidos na Escola de Belas Artes na presença de Professores Artistas demonstrei interesse pelo corpo, sentimento, movimento, espaço, tempo, percepção, performance e ancestralidade como diretrizes a futuros estudos em artes.

Contudo, o corpo ocupa papel central em minhas poéticas, mas olhando para dentro pensando no que está fora. Um olhar estrábico constantemente atravessado

por estímulos que meu corpo absorve e codifica transformando-os em desejos que são devolvidos ao mundo como proposições à luz do conhecimento em artes alçando minha pesquisa com o corpo próprio.

Com esforço irei propor: a) Modos de incorporação nas coisas comigo enquanto sujeito encarnado expressando sentimentos e lembranças que revelam traços da minha ancestralidade; b) Adentrar em leituras sobre o tema incorporação como léxico do candomblé como subsídio à compreensão de alguns preceitos desta religião que norteiam minhas proposições; c) Demonstrar o valor deste estudo em Artes Visuais como fonte de pesquisa e práticas artísticas acerca do corpo próprio como caminho à comunicação em artes.

Portanto, busco estabelecer um diálogo interdisciplinar com autores do campo religioso, como Odé Kileuy e Vera de Oxaguiã em “O candomblé bem explicado, Nações Bantu, Iorubá e Fon” (2009), um livro didático sobre os preceitos do candomblé. Já no campo da filosofia encontrei os autores Machado e Cardim com os artigos “Corporeidade e experiência em Merleau-Ponty” e “Merleau-Ponty: a ambiguidade do corpo”, sobre a filosofia merleaupontyana acerca da experiência corpórea (2011-2009). No campo teórico e prático a leitura será sobre o livro autobiográfico de Hélio Oiticica “Aspiro ao Grande Labirinto” (1986). Teoria e critica temos Souza com “A transgressão do popular na década de 60: os Parangolés e a Tropicália de Hélio Oiticica”, artigo que investiga o papel crítico do artista com dimensão popular na cultura brasileira (2006); e ficção, Alberto Manguel “Lendo imagens: uma história de amor e ódio” (2001) livro que aborda questões da história da arte incluindo a ótica do espectador. Os autores mencionados trazem à luz desta pesquisa o escopo teórico/prático acerca das diversas linguagens que atravessam minhas poéticas.

Enfatizo esta suposição que emerge de minhas inquietações sobre o meu corpo à mercê de lembranças e sentimentos que desejo comunicar com voz poética em “Coisas incorporadas” considerando os limites desta pesquisa.

No primeiro capítulo faço uso da escrita de artista como método para descrever ou narrar minhas lembranças. Portanto, deixo transparecer meu desejo de resgatar o meu passado me colocando como personagem ativo e presente.

Neste método o meu olhar é direcionado para dentro do meu corpo visível como metáfora de um livro de ficção que está diante dos meus olhos chamando atenção para os conceitos por detrás das histórias que contamos, mas também àqueles

olhares duvidosos que fazem julgamentos sobre a realidade de alguns fatos que chegam ao nosso conhecimento por caminhos controversos.

Insisto na questão do método que revela possibilidades no campo da Arte Contemporâneo, tais como, conceber um texto como obra. Isso não fica explícito no texto, mas a própria narrativa aponta o caminho. Vale lembrar que aqui não faço referência a autores que utilizaram ou ainda utilizam este modo de escrita. A meu ver, não foi a partir do texto que o trabalho se desenvolveu, mas do desconhecido.

Novamente retomo alguns conceitos que transitam em minhas proposições e começo fazendo uso deste método ou escrita de artista discorrendo abertamente sobre minhas inquietações.

No final de cada narrativa, abro uma reflexão considerando o que foi mencionado e faço perguntas que me atravessam. No mesmo capítulo reforço a ideia de incorporar coisas como modo de expressar sentimentos, mas deixando aberto algumas dúvidas diante de alguns termos que dialogam com o termo “incorporação”, por exemplo, a palavra sinais, mas apenas como significação às visões em meus sonhos que depois retornam como lembranças.

Estabeleço uma linha de pensamento a partir de significações para a palavra sinais ou sinal que, a meu ver, podem revelar o que está oculto ou que pode representar alguma coisa. Ainda neste capítulo, faço sugestões de desvios como caminho à compreensão do termo incorporação nas coisas diante de dúvidas que vão surgindo durante a leitura.

Deixo explícito meu desejo à troca fora da zona de conforto onde procuro olhares menos interessados em conceitos.

Para tanto, vou às ruas conversar com um amigo que aceita responder algumas perguntas que formulei de forma sucinta. Do mesmo modo apresento meu cotidiano fora do universo artístico.

No mesmo eixo veremos uma conversa por e-mail com o artista brasileiro Dalton Paula, que aceitou falar sobre suas pesquisas e processos construtivos em circuito na Arte Contemporânea.

No segundo capítulo coloco em questão o termo incorporação como palavra sagrada dentro do candomblé e sua ligação com os orixás. Veremos também o conceito de *ori* ou cabeça em rituais sagrados às divindades.

No mesmo prisma encontro modos de incorporação inconsciente e consciente, nos iniciados e em pessoas que desconhecem os preceitos desta religião.

Expõem-se dúvidas sobre aproximações entre a incorporação espiritual e material olhando para o corpo como lugar. Esclareço dúvidas sobre a incorporação no candomblé retomando o eixo sobre incorporação inconsciente e consciente.

Em seguida apresento Kileuy e Oxaguiã dois autores especialistas em cultura afro-brasileira que esclarecem de forma didática os preceitos do candomblé.

No último capítulo, apresento primeiramente o conceito de coisa com base no "Dicionário de Filosofia de José Ferrater Mora" (1978) a partir de minhas indagações sobre as diferenças existentes entre corpo e coisas materiais, mas também para compreender o que aproxima essas duas substâncias enquanto se atualizam no mundo vivido.

Nesse momento da pesquisa a problemática exige um diálogo filosófico com base na filosofia do francês Maurice Merleau-Ponty cujo interesse é a experiência do vivido centrado no exame fenomenológico e na experiência corpórea, sobretudo, relacionando o corpo com as coisas no mundo vivido.

No artigo "Corporeidade e existência em Merleau-Ponty" (2009) de Bernadete Franco Grilo Machado, encontro resultados significativos sobre o corpo e seu envolvimento com as coisas. Faço comparações expondo minha visão considerando a importância do estudo desta autora.

Faço uma análise comparativa sobre percepção, movimento, espaço e tempo como fenômenos que agem em conjunto criando parâmetros que possibilitam a comunicação do corpo com o mundo.

No mesmo capítulo, apresento o filósofo Leandro Neves Cardim que enfatiza a filosofia merleaupontyana como um dos estudos mais importantes e significativos na história da filosofia.

Minha leitura sobre este autor permite comparações em busca de outros olhares acerca da relação substancial entre o corpo encarnado no mundo, com as coisas e com o outro.

Coloco em questões minha obra intitulada de "Dois momentos" (2018) onde incorporo e sou incorporado por uma folha de papel, mas ainda pensando sobre espaço e tempo agindo mutuamente provocando o corpo.

"Dois momentos" é uma incorporação sem lembranças, mas com possibilidades construtivas inspiradas em questões sobre procedimentos artísticos e regras que estabelecem condições no modo de fazer em artes. Nesse momento é mais um olhar estrábico dentro e fora do corpo.

Volto a discutir acerca de minhas lembranças motivado pelos resultados da pesquisa que nesse ponto exige reflexões mais cuidadosas sobre as imagens internas. Portanto, revejo Machado para tratar das experiências e significados das ações e relações do corpo com as coisas.

Em seguida, enfatizo a importância de refletir sobre o modo como os sentimentos se organizam no interior do corpo e como esses sentimentos se manifestam na exterioridade. Neste sentido temos a contribuição do filósofo grego Aristóteles que discorre sobre a organização do conhecimento com base em recordações.

Veremos nesta parte da pesquisa a contribuição de Hélio Oiticica como pensador artista, mas que retorna em Gabriel Girnos Elias de Souza em seu artigo “A transgressão do Popular na década de 60: os Parangolés e a Tropicália de Hélio Oiticica” (2006) num diálogo sobre experiência no espaço refletindo sobre a obra Parangolé buscando aproximações conceituais com a ideia de incorporar coisas.

No final deste capítulo enfatizo a importância da troca como conceito de retransmissão considerando esta ação do corpo uma necessidade substancial de se comunicar com o outro de algum modo. Seja com palavras, gesto, escrita, ou incorporando coisas.

Para tanto, faço uma breve passagem pelo campo tecnológico para falar da fotografia que aparece timidamente na pesquisa apenas como dispositivo capaz de registrar e documentar nossas ações. Onde faço uma reflexão na leitura do ensaísta Alberto Manguel em seu Livro “Lendo Imagens: uma história de amor e ódio” (2001), onde encerro meu diálogo com esses autores.

2 MODOS DE INCORPORAÇAO: LEMBRANÇAS

2.1 Coisas incorporadas: manta e tecido (ancestralidade e identidade).

Na primeira lembrança, vejo mulheres usando saias aparentemente leves e cuidadosamente ornamentadas com rendas florais. Elas dançavam suavemente ao som dos tambores que estavam próximos de uma senhora que discursava pausadamente.

Esta mulher de meia idade estava sentada em um altar decorado com estatuetas de orixás com pormenores muito bem trabalhados em pedrarias de diversas cores que combinavam com o teto da casa enfeitado com tiras de papel colorido cujo aspecto lembrava um local religioso com paredes pintadas de branco que chegavam até o quintal onde se viam locais específicos resguardados por estatuetas imponentes que pareciam reis e rainhas em seus tronos.
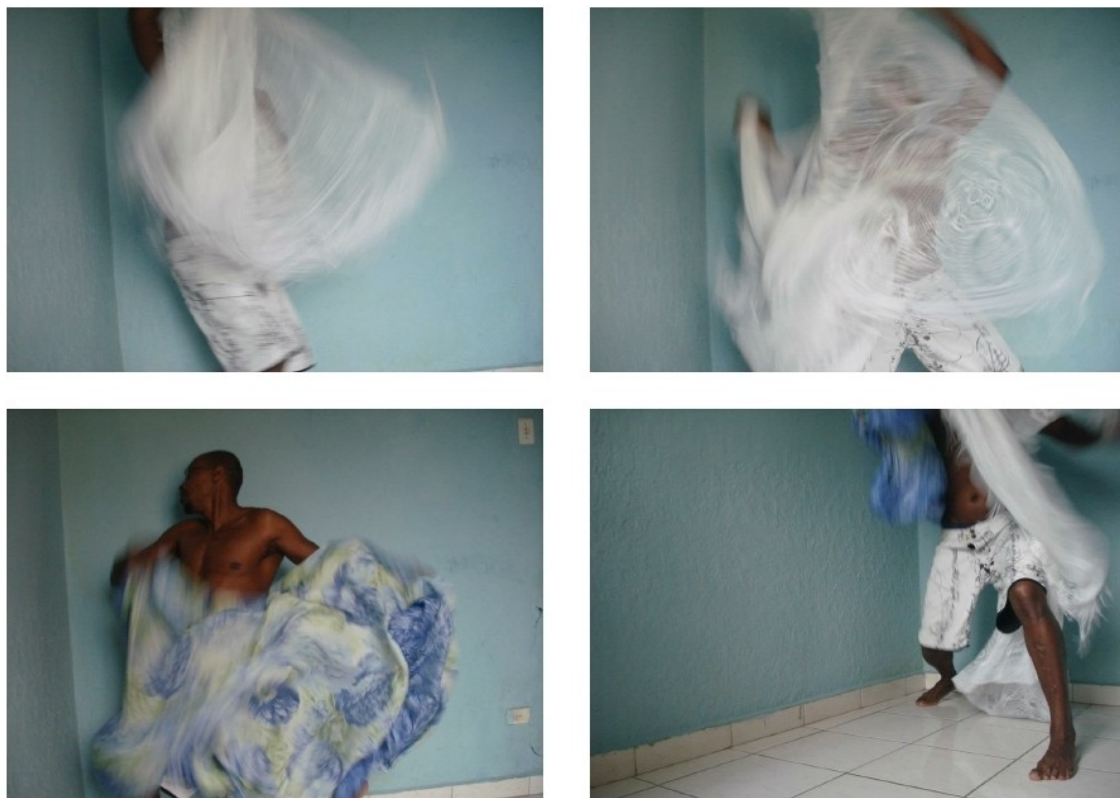
Figura - Ancestralidade e identidade 40x40, 2017. Carlos Roberto Silva.
Fonte: Autoria própria.

Eu estava observando e parecia interessado em compreender aquela movimentação, mas de repente vejo minha mãe dançando e cantando na companhia de outras mulheres à vista de outras pessoas que estavam descaracterizadas usando bermuda, calça e camiseta. Elas ocupavam metade do grande salão que parecia palco de uma importante reunião aberta.

Algumas pessoas apenas admiravam o desenrolar da concentração, enquanto isso, a outra parte batia palmas acompanhando o ritmo da melodia.

Perto do altar, meu pai tocava um enorme atabaque de madeira cujo ecoar era tão forte que agitava as crianças que brincavam correndo freneticamente por todos os lados como se aquele lugar fosse um parque de diversões.

Quando ouviam os gritos no salão principal onde acontecia a reunião paravam de saltitar com a intensidade do clamor das pessoas que dançavam e cantavam como se estivem inertes em transe. Usavam linguagem diferenciada e orquestrada por vogais que entre sussurros e melodias cruzavam e se desdobravam em gestos.

A musicalidade era doce e envolvente, mas eu estava submerso e totalmente envolvido por tais visões sem saber o que de fato acontecia com o meu corpo.

As pessoas me olhavam querendo dizer alguma coisa, mas a voz não chegava à língua daqueles corpos que transitavam pelos cômodos da casa.

Não consegui ver seus rostos, mas me recordo do gestual, do corpo curvado, dos olhos arregalados e dos ombros em movimentos rítmicos guiados por uma dança desconhecida, exótica e frenética.

Figura - Ancestralidade e identidade 30x30, 2017. Carlos Roberto Silva.
Fonte: Autoria própria.

Figura - Ancestralidade e identidade, 30x30, 2017. Carlos Roberto Silva.
Fonte: Autoria própria.

Só depois de longa reflexão reconheci tais fragmentos como impressões do vivido. São lembranças da minha infância no terreiro de uma tia que era Mãe de Santo. Sua casa ficava sob regência do candomblé.

Eu tinha entre nove e dez anos de idade. Meus pais eram iniciados no candomblé e todos os finais de semana íamos às festas no terreiro cuja fachada e o interior era pintado de branco.

Lembro-me de ter visto nos cantos escuros visões de vultos atravessando o quintal que ficava atrás do terreiro. No mesmo lugar viam-se folhas de bananeiras vacilantes e independentes. Ouviam-se vozes conversando em segredo nesta parte da casa.

Tudo isso aconteceu em noites de festa no terreiro. Minha mãe afirmava que foi imaginação. Mas indaguei, porém, como seria possível depois de tantos anos meu corpo sucumbir a tais lembranças, que hoje alimentam o meu desejo de incorporar as coisas?

Figura - Terreiros de candomblé.
Fonte: (https://ocandomble.com/2008/04/29/terreiros-de-candomble).

Às vezes, quando estou sonhando completamente inerte e sem consciência dos meus atos sou levado por um caminho desconhecido contra a minha vontade. O que tento comunicar com minhas proposições são lembranças, jamais pesadelos. Neste último, sou testado sem poder, entretanto, compreender seus fragmentos. O que eu entendo é que minhas lembranças são narrativas que exigem uma reconstrução da experiência que acabei de mencionar.

Nesse sentido, existe a necessidade da coisificação ou materialização de tais lembranças. Por isso, é necessário esclarecer que são, às vezes, impressões intensas e perturbadoras.

2.2 Coisas incorporadas: tecido branco e canetas (tristeza e rancor).

Na segunda lembrança, vejo uma casa com a porta fechada e com as janelas abertas por onde era possível ver seu interior vazio e atraente.

Na parte frontal do imóvel, um homem branco exibe uma chave na mão direita, papel e caneta na mão esquerda. Ele acena e sorri convidando-me a entrar. Quando me aproximo ele desaparece.

Uma mulher negra está saindo da casa com um homem negro. Eles começam a chorar quando uma família de pessoas brancas se aproxima da casa e o homem abre a porta.

Assim, a casa que antes estava vazia reaparece mobiliada e ocupada por outra família. Esta lembrança de tristeza e rancor partiu de uma situação constrangedora que minha mãe e eu vivenciamos quando tentávamos alugar uma casa em um bairro de classe média.

Figura - Tristeza e rancor 40x40, 2017. Carlos Roberto Silva.
Fonte: Autoria própria.

Figura - Tristeza e rancor, 2017. Carlos Roberto Silva.
Fonte: Autoria própria.

O dono do imóvel prometeu entregar a chave da casa no dia seguinte. Mas encontramos outra família no imóvel.

Perguntei o motivo da desfeita. O homem branco respondeu que não alugou a casa porque os antigos moradores foram embora sem pagar o aluguel. Porém, foi enfático quando disse que se tratava de uma família de negros.

Na minha concepção, esse tipo de ocorrência se atualiza. Por isso, se torna comum em nossa sociedade. Pois as mesmas pessoas que cometem tal injustiça imprimindo qualidades falsas e deprimentes a alguém, certamente são as mesmas pessoas que compartilham esse tipo de comportamento com o outro que pode considerar como certo o errado por detrás deste tipo de transmissão.

Mas não importa o sentimento que essa proposição seja capaz de despertar no espectador, o que se pretende com esse estudo é demonstrar a intensidade da comunicação corporal agindo com as coisas.

Como ressalva, reforço que meu interesse é comunicar meus sentimentos, sobretudo, como reflexão a novos procedimentos em artes a partir do corpo próprio acerca do que se passa no interior do corpo quando somos revisitados por nossas lembranças.

2.3 Coisas incorporadas: livros, touca, casaco preto, papel e frase (preconceito, decepção, mágoa).

Na terceira lembrança, vejo pessoas descaracterizadas por sombras. Elas estão segurando em uma das mãos pequenos cartazes com palavras que não consigo decifrar. Estão andando em círculos, como se estivessem participando de um protesto na entrada de um sobrado com janelas de vidro.

Dentro do prédio, dez pessoas completamente imóveis estão sentadas no chão lendo pequenos livros.

Vejo um homem branco na janela do prédio, ele grita e parece nervoso. Estou perto desse homem olhando para uma folha de papel em branco colada em uma das janelas. Meu gesto sinaliza alguma coisa.

Figura - Preconceito, decepção, magoa 60x80, 2017. Carlos Roberto Silva.
Fonte: Autoria própria.

Figura - Preconceito, decepção, magoa, 2017. Carlos Roberto Silva.
Fonte: Autoria própria.

Posso ver uma senhora isolada em um escritório, fumando descontroladamente enquanto dá ordens pelo telefone para um grupo de mulheres sentadas no chão de uma sala de recepção repleta de pessoas brancas.

No mesmo local, uma mulher negra está me fazendo perguntas, ela quer informações sobre a minha vida. Parece interessada em saber como fui parar ali, mas estou calado olhando para a folha de papel na janela.

Estou mais perto da folha agora. Consigo ler o que está escrito. A frase diz o seguinte: "Onde está o dinheiro rapaz?"

Essas lembranças são fragmentos de imagens que eu gostaria de apagar da minha memória. Impressões que ilustram minha experiência como auxiliar de escritório em uma clínica de saúde onde trabalhei fazendo depósitos e cobranças.

Neste lugar, fui acusado injustamente por alguém que dizia ter visto o momento em que eu retirei cem reais do pagamento de um cliente.

Uma semana depois fui inocentado e promovido. Profundamente magoado, no dia seguinte, deixei um pedido de demissão em cima da minha mesa.

Em outras palavras, essa incapacidade do organismo de se conectar, dividir e

incorporar o outro é disseminada, semeada, difundida, propagada, vulgarizada pelos meios de comunicação.
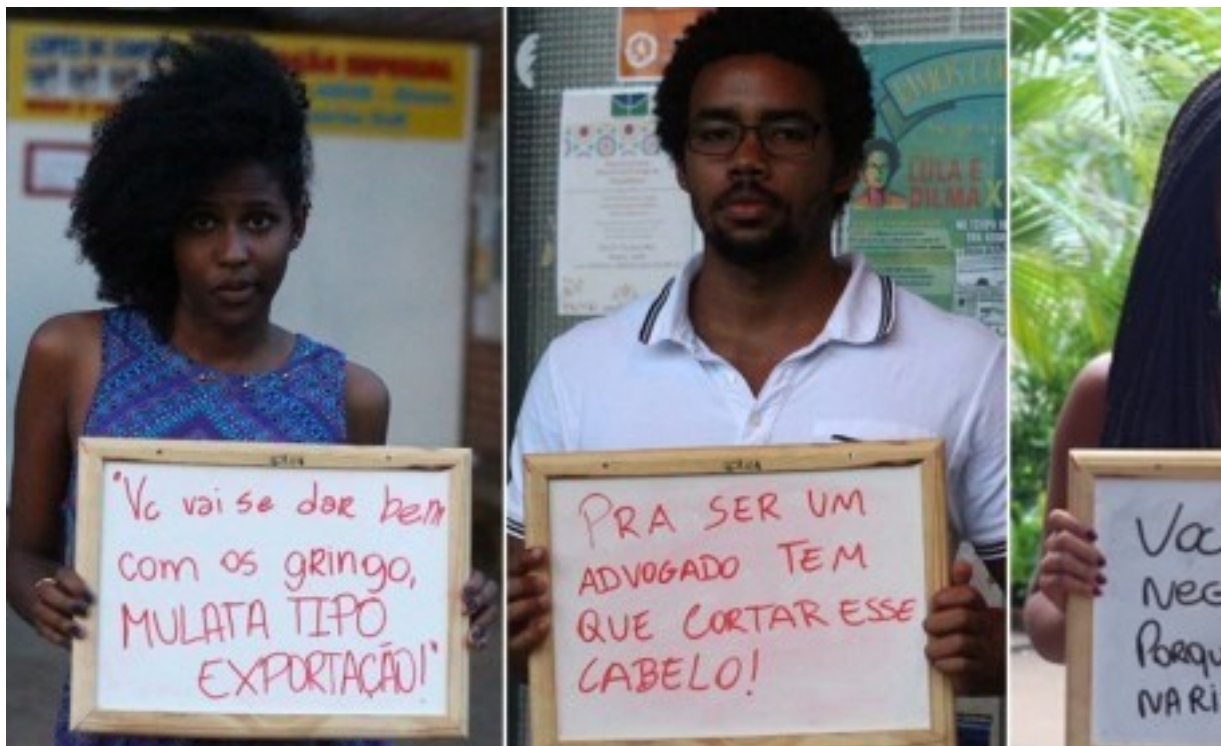
Figura - Racismo na universidade.
Fonte: (https://www.brasil247.com/pt/247/favela247/175626/Estudante-denuncia-racismo-na-universidade.htm).

Vemos jovens negros entregues a injuria. Um tipo de incorporação que a arte precisa entender para não cair na armadilha dos meios que a utilizam.

A meu ver, para falar dos nossos próprios sentimentos precisamos aceitar em realidade suas origens e aspirações.

Por isso, achei necessário mencionar que são imagens particulares perturbadoras e traumáticas, que me acompanham em silêncio, mas que preciso expressar como possibilidades criativas a partir do meu corpo. Pois o modo mais significativo de aproximar os seres humanos são os sentimentos. Na minha concepção, os sentimentos só mudam de corpo.

Para descrever minhas lembranças elaborei um método cujo objetivo ou procedimento seria me colocar dentro da cena, dentro do meu próprio corpo

reconstruindo o meu passado. Olhando para o interior do meu corpo como um livro de ficção.

A ideia partiu do conceito de lembrança que são impressões do passado que adquirimos enquanto estamos conscientes, isto é, acordados. Portanto, os fatos que acabei de narrar com base em minhas lembranças são verdadeiros, mas são imagens que me pertencem.

Diante deste fenômeno, qual seria o modo mais puro (que não tem mistura ou impurezas; estado natural, límpido, virginal, verdadeiro, incontestável) para expressar sentimentos?

Como artista visual desejo comunicar medo, saudade, silêncio, desespero, repudia, rancor, insegurança, individualidade, amor, preconceito, falsidade, ancestralidade, tristeza etc. Porque são os sentimentos que movem o corpo.

A seguir, manifestam-se imagens que reconheço bem. São imagens repetidas se atualizando diariamente no espaço e no tempo real. Como exemplo, sugiro um olhar para os cantos remotos da cidade do Rio de Janeiro, tais como Japeri, Engenheiro Pedreira, Austin, Queimados, Comendador Soares, Nova Iguaçu, Mesquita, Nilópolis entre outras que não tive o prazer de conhecer porque estão sitiadas pelo crime organizado (da Baixada Fluminense).

Por enquanto, as visões que vou descrever a seguir; podem resumir o que acabei de mencionar:

2.4 Coisas incorporadas: tecido (medo; silêncio; saudade, solidão, vazio).

Um grupo de pessoas perto de uma bica enferrujada anseia por um bem substancial. A maioria mulheres de mãos dadas com seus filhos menores.

O movimento é constante, algumas pessoas certamente vão atravessar a madrugada esperando por uma oportunidade.

Outras estendem seus lençóis ali mesmo em cordas improvisadas ou sobre a grama. A luz do sol se aproxima, mas o vento já fez o trabalho pesado durante toda a madrugada sacudindo e soprando os lençóis expostos à vista de todos como bandeiras coloridas.

Figura – Medo; silencio; saudade, solidão, vazio, 60x80, 2017. Carlos Roberto Silva.
Fonte: Autoria própria.

Mas o vento matutino segue castigando os corpos ociosos que permanecem no local. São pessoas simples cuja atividade diária não transmite honra nem orgulho aos seus filhos, mas a certeza da hora seguinte.

As ruas barrentas são como campos avermelhados gigantescos tapetes escarlates cobrindo os caminhos por onde passam empregadas domésticas, diaristas, pedreiros, porteiros, vendedores ambulantes e crianças cuja inocência aos poucos vai se exaurindo na incredulidade do lugar.

Esse relato remonta meus tempos de criança no bairro Anchieta, na Rua Thomas Edson, que fica na periferia do Rio de Janeiro. Atualmente, neste lugar é possível encontrar ruas asfaltadas e casas com piscina no quintal.

Mencionei que o passado se atualiza e que outras pessoas enfrentam os mesmos problemas? Sim, violência urbana, tráfico de entorpecentes, prostituição, falta de atendimento médico, subdesenvolvimento e escassez de água. Esta última, por exemplo, é exemplar de outros municípios e bairros da Baixada Fluminense onde a falta de água se eterniza como violência.

Contudo, o que me sensibilizou nesta experiência foi o tecido que me serviu de abrigo, aqueceu meu corpo em noites frias enquanto ficávamos na parte baixa da Rua Thomas Edson esperando ansiosos pelo momento de encher duas latas de vinte e quatro latas vazias de goiabada que meus irmãos e eu todos os dias carregávamos para aliviar o sofrimento da nossa mãe.

Obviamente que outros objetos também foram importantes, por exemplo, os baldes na elaboração da instalação intitulada de “Bica baldes”. Meu primeiro trabalho como estudante de Artes Visuais na Escola de Belas Artes.

Figura - Bica Baldes, instalação, 2016. Carlos Roberto Silva.
Fonte: Autoria própria.

Trata-se de uma reflexão sobre a falta de água no município de Nilópolis e remonta uma época em que houve muita discussão e críticas sobre um grande reservatório de água que seria construído no município, mas que também atenderia duas regiões vizinhas (os bairros Ricardo de Albuquerque e Anchieta). Na concepção dos moradores, a demanda era grande para pouca água.

Figura - Falta de água na baixada
Fonte: (https//g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/2013/10/falta-de-agua-na-baixada-fluminense-e-problema-antigo-dizem-moradores.html).

Por isso gosto de olhar às pessoas tentando compreender suas atitudes diante dos fatos que dizem respeito as suas particularidades, principalmente às coisas que utilizamos diariamente para satisfazer nossas vontades e desejos. Coisas do lar (panelas, talheres, pratos, copos, livros, canetas, cadernos, papel, roupas, lençóis, toalhas, meias, toucas entre tantas outras), coisas urbanas (desvios, placas de sinalização, telefones públicos), coisas da natureza (árvores, pedras, frutas, pessoas). Ou seja, coisas que já incorporei e outras que pretendo incorporar.

Essas coisas simples e universais do nosso cotidiano atravessam meu trabalho porque me provocam. São essas coisas que de algum modo, me fazem querer voltar no tempo.

O que eu entendo é que, elas refletem imagens memoráveis. Não importa se estamos em nossa zona de conforto ou fora à deriva no mundo.

2.5 A personificação da ideia de incorporação

Incorpore duas ou mais coisas, ordenando e articulando essas coisas para

estabelecer parâmetros entre suas lembranças e essas coisas. Tomemos como exemplo livros, manta, tecido, papel, canetas, fotografias, touca, etc. Indagamos, porém, se é possível materializar nossas lembranças incorporando as coisas que norteiam às recordações, isto é, nossas lembranças?

2.6 Visitas

Escrevi esse texto para tentar resumir o que acontece dentro do meu corpo. Vou chamar essas impressões de visitas.

Acontece sempre quando estou dormindo inerte, inconsciente. Quando estou acordado elas retornam como lembranças e, as coisas que estão ao meu alcance nesse momento são sinais, quer dizer, quando olho para essas coisas consigo reconstruir tais sonhos na minha imaginação. Mas por não saber como descrevê-las com palavras desde então, venho experimentando tentando reconstruir essas visitas, ou melhor, esses personagens a partir de coisas incorporadas. O que posso afirmar por enquanto é que vivenciei tudo isso.

2.7 Sinais

Ora, se a situação é fora do comum, nossos sentidos ou funções nervosas responsáveis pelo modo como percebemos as impressões e alterações do ambiente é acionado, com isso somos levados a questionar nossa própria faculdade de compreender e de julgar as coisas, ou seja, nossa percepção.

Essa incapacidade de reconhecer, examinar, interrogar e analisar a própria consciência nos obriga a consultar e fazer mais perguntas para entender ou compreender determinada coisa ou fenômeno.

E, por não saber tudo indagamos cuidadosamente a partir dos indícios. Nessas circunstâncias, procuramos na ação do nosso próprio corpo os sinais que dão a conhecer o que está oculto, invisível, escondido e encoberto.

Procuramos respostas em tudo que pode ser percebido pelos sentidos ou pela consciência, ou seja, qualquer modificação nos corpos: mudança na forma, na qualidade, no modo de ser, etc. tudo que se presta para lembrar ou representar alguma coisa:

Fato = coisa ou ação feita; acontecimento; o que é real; roupa; vestuário;

Fenômeno = tudo que é fora do comum ou surpreendente;

Vestígio = rastro; pegada;

Marca = qualquer marca trazida do ventre materno;

Gesto = expressão fisionômica dirigida a alguém;

Prenúncio = prognóstico; anúncio de coisa futura.

2.8 A incorporação nas coisas sob um olhar distraído

Armando Assumpção Lino é um querido amigo que conheci na reunião de músicos do município de Nilópolis onde também fica minha residência.

São comuns esses encontros em bairros pobres da periferia do Rio de Janeiro. Em Nilópolis este tipo de atividade já virou rotina, na minha concepção, tornou-se cultural pelo fato de agregar oportunidades de troca tais como música, poesia, vivências e outros gêneros que atravessam os lugares públicos da Baixada Fluminense.

Figura - Armando e Carlos Roberto Silva em Nilópolis, 2018.
Fonte: Autoria própria.

Não se trata de uma entrevista, mas de um desvio proposital diante das dúvidas que foram surgindo durante o percurso desta pesquisa. Em outras palavras, a ideia de incorporação nas coisas me pareceu ampla em um determinado momento porque parte de tentativas, isto é, refletir, elaborar, experimentar, voltar a refletir, ver os resultados, compreendê-los para depois comunicá-los.

Sob esses termos elaborei algumas perguntas que gentilmente foram respondidas por esse amigo. Na verdade, acredito que seja possível incorporar outras coisas que não sejam coisas matérias como, por exemplo, um amigo?

Meu amigo já visitou alguma exposição?

Não tive essa oportunidade.

Gosta de arte? Conhece algum artista?

Sim, valorizo a arte. Sim, ele faz esculturas em madeira e também é presidente da Ala dos Compositores do Iguaçu (escola de samba).

Como você vê o outro?

Difícil entender o outro! É bem ruim!

Como você vê o seu corpo?

Vejo-me como uma criança. A meu ver, foi minha imagem quem envelheceu!

Por que acha que sua imagem envelheceu?

Quase não me olho no espelho. Não vejo o tempo passar, eu gosto disso!

Como você controla o seu tempo?

Não olho o relógio, meu horário é trabalhar.

O seu corpo funciona como uma máquina?

Eu tenho energia porque trabalho como pedreiro.

Quais ferramentas você usa no seu trabalho?

A mente, colher de pedreiro, nível e meus braços (minha energia) mesmo sentindo dores.

O que suas ferramentas representam para você?

A colher de pedreiro é a minha principal, ela é a minha caneta. A bicicleta me leva para qualquer lugar porque não viajo em transportes públicos. Tenho medo porque sofri um acidente de trem (caí da porta).

Você é visitado por lembranças que lhe perturbam?

Sim, sinto muita tristeza!

Você pode descrever essa tristeza?

Perda da minha esposa Tânia.

Existe um objeto capaz de despertar esta lembrança?

Não, tudo é lembrança!

O que você sabe sobre incorporação?

Pensei no candomblé. Na verdade, para mim, toda religião é bem vinda falando de Deus.

No senso comum, o termo incorporação significa incorporar uma divindade sagrada, um orixá. Você concorda?

Sim, isso faz sentido para mim.

Esse termo no dicionário significa juntar uma coisa com a outra para formar um todo. Então você concorda que também é possível incorporar suas ferramentas?

Concordo!

Por quê?

A explicação sobre o significado desta palavra me parece plausível. Ora, se essas ferramentas estão de certa forma presas ao meu corpo e, quando estou em

movimento elas também se movimentam então, enquanto estou usando essas coisas elas fazem parte do meu corpo. Além do mais, sem elas o meu corpo ia fazer o quê?

Paralisar, imobilizar não se sabe.

Você tem razão!

Como seria sua vida sem essas ferramentas?

Nada, porque eu seria nada, e não teria nada em casa para comer.

Quando você reconhece que está vivo?

Quando estou por aí circulando, com amigos, ou em casa com a família de bate-papo.

Obrigado meu amigo!

Esse diálogo foi importante como desvio porque a reflexão funde suas bases na experiência do sujeito que se expressa olhando sua própria realidade. Considerando, sobretudo, as oportunidades que o mundo lhe oferece. Compreendo que a simplicidade pode ser um caminho à leitura sobre a incorporação nas coisas como modo de comunicar irrestrito

3 ENTREVISTA COM DALTON PAULA: ENCONTRO

Dalton Paulo (1982) é um artista brasileiro pintor, gravador e performer nascido em Brasília Distrito Federal. Suas pesquisas desenvolvem questões voltadas à ancestralidade e cultura negra. Suas proposições transitam entre lutadas de resistência contra a escravidão e liberdade silenciada. A obra de Dalton Paula interessa a este estudo pelo olhar crítico do artista. Segundo Dalton, o artista negro no Brasil ainda não é visto como merece.

Suas pesquisas sobre ancestralidade estão visíveis seus trabalhos. O artista também faz abordagens sobre questões de gênero. Seu trabalho mais polêmico "A promessa", a meu ver, atualiza a barbárie que alguns homossexuais enfrentam da sociedade machista e preconceituosa.

Buscando aproximações poéticas com a obra deste artista mantivemos contato por e-mail conversamos sobre a possibilidade de uma entrevista que recebeu o nome de encontro.

As perguntas foram feitas por e-mail diante das adversidades; tais como disponibilidade de tempo e distância. Portanto, o encontro aconteceu graças à generosidade do artista Dalton Paula.

Em quarta, 3 de out de 2018 às 14:29,

Carlos Roberto Silva <carlosolrac87@gmail.com> escreveu:

Olá Dalton! Sou um admirador do seu trabalho e gostaria muito de conversar com você, como forma de entrevista por email, para conhecer a fundo sua poética e sua visão crítica sobre algumas questões que norteiam o meu trabalho.

Tais como corpo, incorporação e a religião candomblé. Esse contato foi uma sugestão do meu orientador o doutor, artista e professor de Artes Visuais (UFRJ) Jorge Soledar Dutra Soledar, seu amigo.

Espero ansioso por sua resposta. Um abraço!

Carlos Roberto Silva.

Em 11 de out de 2018 22:53, "Dalton Paula" <daltonp.artista@gmail.com> escreveu:

Olá Carlos! Desculpe a demora para responder o email, pois estou com demandas acumuladas de trabalho. Será um prazer responder suas questões, apenas peço um prazo generoso para te enviar. Aguardo as questões.

Grande abraço para você e o querido Jorge!

Dalton.

Boa tarde querido Carlos! Encaminho as respostas. Seguimos conectados!

Bom trabalho!

Grande abraço!

Dalton

Não se trata de uma entrevista, mas de um encontro!

Você veio da pintura. Como foi que você passou a trabalhar com o seu próprio corpo?

Em 2007, ao ingressar no curso de Artes Visuais da UFG, a disciplina Fotografia e Performance foi um estímulo para eu trabalhar com meu próprio corpo. Considero que este foi um caminho natural, pois a questão racial já estava presente na pintura e usar meu corpo nas performances foi um desdobramento das questões que eu já pontuava.

O que você busca no passado além da sua ancestralidade?

O passado é um ponto de partida do trabalho, pois os fatos e referências históricas de antes me possibilitam refletir sobre o presente e o futuro, costurando assim saberes, significados, imagens e experiências de temporalidades distintas.

Fale um pouco sobre "A promessa"! Como as pessoas reagiram a esse trabalho?

Neste trabalho eu proponho o ritual do casamento e ao casar comigo mesmo, eu elaboro dois personagens, um masculino e um feminino. Assim como a noiva é a figura que mais chama atenção num casamento, no dia do ensaio fotográfico, foi a fotoperformance que mais afetou o público transeunte. As pessoas paravam para fotografar, passavam e como pareciam não acreditar no que viam, voltavam para perguntar o que era aquilo, porque e para quê se fazia. Também cantavam marcha nupcial, acenavam para a noiva, mas alguns (homens) foram afetados de outra maneira e expressaram isso com agressividade: “Vou descer a vara nessa noiva”, “Vou enfiar minha pica nessa noiva”.

Juntamente com essas ofensas com conotações sexuais, percebi que muitos não me viram como a noiva, mas como “o viado”, “a bicha”, “baitola”, “mulherzinha”, “fresco”. Esses e outros vários xingamentos foram ataques a todo aquele universo feminino: vestido de noiva branco e véu, e a todos os significados que remetiam ao estarem no corpo de um homem.

Foi algo muito doloroso, me fez perder o rumo, e por alguns instantes pensei em interromper o trabalho. Porém, continuei. Em apenas duas horas travestido, eu vivenciei a forma perversa que travestis são tratados. Mesmo ao tirar o vestido e a maquiagem, esses sentimentos e o olhar de reprovação das pessoas permaneceu, junto com a nova modelagem de minhas sobrancelhas. Por quase um mês, essa marca em meu corpo suscitou comentários, brincadeiras, observações de colegas, principalmente no meu ambiente de trabalho como servidor público na época. Alguns colegas pareciam se sentir agredidos, incomodados com essa mudança no meu corpo e o que isso poderia comunicar.

O trabalho "corpo território" fala da sua origem?

A série “Corpo território” discute questões mais amplas, como o espaço urbano e as relações de transformação causadas pela velocidade e pelo imediatismo, pelos muros e suas metáforas. Isso se conecta ao corpo negro, que no espaço público é facilmente enquadrado, visto como suspeito, marginal, hipersexualizado.

Qual a situação do artista afro - brasileiro no mercado da arte atualmente?

Penso que é necessário pensar de forma plural, ou seja, as situações, os contextos e os/as artistas afrobrasileiros/as, bem como as narrativas e os regimes de visibilidade que estes criam. Isso produz tensionamentos à epistemologia da história da arte e ao mercado da arte em geral, visto que deslocam as posições de poder e apresentam outras perspectivas de compreensão da arte e da sociedade.
Percebo uma reivindicação desses sujeitos negros por protagonismo e autoria nas instituições culturais e museológicas, no mercado público e privado, em todo o sistema das artes visuais e na historiografia nacional, não aceitando mais a imposição do lugar do caricato, hipersexualizado, pejorativo e marginalizado. No

entanto, esses artistas ainda estão numa posição desprestigiada no sistema de artes de forma geral, pois ainda é ínfima a quantidade de artistas negros/as contemplados em editais, galerias e museus.

O artista Ayrson Heráclito tem um trabalho recente que fala de poesia e rituais à cabeça. O seu trabalho "Coffe Black" é uma oferenda à cabeça?

O trabalho “Coffe Black” parte do café-da-manhã, enquanto refeição para fazer uma metáfora dos alimentos simbólicos e espirituais. Esse destaque dado à cabeça e ao alimento relaciona-se com um rito das religiões de matriz Africana chamado borí, que significa cuidar do orí (cabeça), alimentá-lo, buscando assim a renovação de forças do indivíduo.

As coisas no seu trabalho funcionam como extensões do seu corpo, ou você não vê essa relação?

Alguns objetos funcionam como extensão do corpo em busca de metáforas para refletir sobre as questões abordadas, como o silenciamento, a violência, a invisibilidade desse corpo individual e coletivo na historiografia oficial.

Você parece inerte? Essa falta de consciência remete ao interior do corpo?

O estado inerte de algumas fotoperformances remete ao histórico silenciamento do corpo negro, mas também indica possibilidades de resistência por meio do silêncio

Figura - A promessa 60x270, 2012. Dalton Paula.
Fonte: (https://googleweblight.com/i?u=https://daltonpaula.com/&hl=pt-BR).

Figura - A promessa, 2012. Dalton Paula.
Fonte: (https://googleweblight.com/i?u=https://daltonpaula.com/&hl=pt-BR).

4 DESENVOLVIMENTO DO ESTUDO

4.1 O termo incorporação como léxico do candomblé

Encontramos no Dicionário Conciso da Língua Portuguesa o seguinte significado para o termo incorporação: junção de uma coisa a outra para formar um todo. Não sendo o bastante e por se tratar de um termo com pouca ocorrência no meio artístico, seguimos para o campo religioso interessados na incorporação como léxico do candomblé.

No candomblé a incorporação acontece à vontade dos orixás, ou seja, das divindades sagradas que tomam o corpo dos iniciados nesta religião.

Quando incorporado o orixá faz uma viagem ao seu passado e começa a agir ao seu modo como se estive no seu lugar de origem.

A pessoa incorporada fica sob os domínios do seu orixá, que começa a esboçar sua personalidade e suas preferências. A pessoa deve decidir se aceita os preceitos desta religião. Se a pessoa aceitar o seu ori ela será observada e receberá seus primeiros ensinamentos.

Segundo Oxaguiã (2009, p.119), "*ori* é o nome da nossa cabeça física [...]. É o órgão vital que responde pelos nossos sentidos e pela nossa inteligência". No candomblé, conhecemos o nosso ori antes de nascer, o que significa que iniciamos nossa individualidade. No entanto, nessa religião existem hierarquias que exigem o contato da pessoa com o seu orixá (entre o físico e o espiritual). Quando a pessoa está incorporada é comum usar coisas que simbolizam o seu orixá. A meu ver, são alegorias que podem levar a pessoa a fazer juízo da aparência da divindade.

O artista brasileiro Ayrson Heráclito é professor artista, seu trabalho transita no campo da performance lidando com questões centradas em rituais de matriz Africana. Heráclito cria suas poéticas como modos de comunicar os preceitos existentes no candomblé.

Figura - Bori performance-art, 2012. Ayrson Heráclito.
Fonte: (https://ayrsonheraclitoart.blogspot.com/2009/09/bori-performance-art-oferenda-cabeca.html?m=1).

Em seu trabalho “Bori performance-art” (2012) o artista oferece comida à cabeça. Uma prática ritualística em que os iniciados no candomblé fazem oferendas ao seu orixá pedindo proteção, paz, tranquilidade e saúde. Meu interesse pela obra deste artista está no modo como se considera as coisas como extensão do corpo. Por outro lado, penso na proposta de participação, em contraste com minhas “Coisas incorporadas”. Mas à participação sem limites no espaço e tempo.

Tratando-se de um ritual sagrado de matriz Africana em qual direção aponta o trabalho de Ayrson?

> Borí (ogborí), para o povo iorubá, e apehe, para os fon, é um ato litúrgico de fortalecimento do orí, divindade primordial do homem, que tem como significado “dar comida e bebida ao orí”, “adorar a cabeça”. É uma festa para a cabeça! Um cerimonial específico do povo iorubá, que no Brasil foi adotado também pelas demais nações-irmãs. É o primeiro preceito que a cabeça do futuro iaô recebe, antes mesmo da feitura do orixá.1

---

1 OXAGUIA, O. K. E. V. **O candomblé bem explicado Nações Bantu Ioruba e Fon**. Rio de Janeiro: Pallas Editora e Distribuidora Ltda, 2009. P.119.

O que eu entendo é que, os rituais no candomblé envolvem corpo, coisas e dança no espaço e tempo.

Até aqui, a leitura apresentou uma religião cuja incorporação nos iniciados precisa seguir alguns preceitos onde as coisas são elementos sagrados da natureza que unidos ao corpo dos iniciados podem juntos significar a presença física dos orixás. Portanto, seria possível abrir mão do local sagrado, dos preceitos e ainda assim fazer referência aos orixás?

Segundo Kileuy e Oxaguiã (2009, p.51), a perfeita incorporação é a sintonia com o orixá. A incorporação considerada perfeita deixa de lado pensamentos negativos (rancor e ódio).

Deste modo, se mantêm a harmonia entre o físico e o espiritual. Mantêm-se a energia positiva do corpo com seu mundo religioso e com a sua própria existência. A incorporação no candomblé respeita seus preceitos, todos voltados à espiritualidade.

Contudo, enfatizo meu desejo de comunicar medo, saudade, silêncio, desespero, rancor, insegurança, incredulidade, individualidade, amor, preconceito, falsidade, ancestralidade, tristeza etc. Porque são esses afetos ou sentimentos que movem o corpo no mundo.

Entretanto, a incorporação espiritual e física (incorporação nas coisas) são manifestações que acontecem no mundo real. Ambas, a meu ver, partem do desconhecido para se fazer conhecer.

Os orixás são divindades sagradas, mitos de um tempo remoto e desconhecido. São espíritos, substâncias incorpóreas que usam o corpo físico como lugar de manifestações.

Minhas lembranças são imagens que reconheço como visões que chegam por um caminho também desconhecido. São impressões adquiridas no passado à memória, portanto, de natureza incorpórea, não fazem parte do mundo tátil, mas também se manifestam através do corpo físico provocando neste último diversas reações.

Dessa perspectiva, o que me vem à mente é o corpo humano como instrumento desses dois fenômenos. Por outro lado, a incorporação nas coisas é uma necessidade do meu corpo de comunicar lembranças, ou melhor, fazer valer a dádiva que os seres humanos receberam como herança de um ser transcendental incorpóreo e desconhecido, que permite à visão nossas experiências vividas no

passado recente ou remoto. Não importa se estamos falando de fragmentos.

Estamos falando de coisas pouco prováveis, sobretudo, de imagens individuais cujas bases estão além da compreensão humana. Este embate reforça a necessidade desta pesquisa sobre o corpo próprio à mercê do desconhecido. Não sendo o bastante, é atraído por estímulos externos que ele transforma em afetos para depois devolvê-los a seu modo.

Por isso, incorporo nas coisas olhando para o meu passado como um livro de anotações onde encontro inspiração nos esboços da vida.

Incorporo olhando para o vivido expressando sentimentos armazenados no interior do corpo. Dessa forma, incorporo coisas para comunicar minhas necessidades. A comunicação é um modo de ser humano.

Com base na reflexão, qual seria a intenção da incorporação no candomblé? Quais os modos possíveis de incorporação nesta religião? É possível a incorporação consciente? Quando estou incorporado pelo orixá tenho consciência dos meus atos? A incorporação nas coisas é um modo do ser humano? Como o corpo reage incorporado pelo o orixá?

Para Kileuy e Oxaguiã:

> A pessoa não está fingindo, pois sente que faz todos os gestuais, mas não consegue ter domínio sobre suas ações. É uma situação delicada, que deve ser entendida e que pode ser modificada através do saber e da ajuda doia babalorixá/iy alorixá. Já a pessoa inconsciente é aquela a quem o orixá domina completamente os sentidos. É um momento melindroso, em que a pessoa perde a consciência de tudo ao seu redor.2

Poderíamos pensar no tipo de incorporação nas coisas que seria conveniente nesse caso? Mas a incorporação nas coisas não trata de simulacros. Mas de tentativas, isto é, uma experiência a partir de lembranças. Portanto, exige um olhar mais atento ao que está escondido além dessas palavras. Esse recorte subverte a totalidade desta explicação deixando para o espectador a tarefa de completar o que foi omitido.

---

2 OXAGUIA, O. K. E. V. **O candomblé bem explicado Nações Bantu Ioruba e Fon**. Rio de Janeiro: Pallas Editora e Distribuidora Ltda, 2009. p.51-52.

Figura – Ensaio. Coisas Incorporadas 60x80, 2018. Carlos Roberto Silva.
Fonte: Autoria própria.

A ideia em suma manifesta o passado no presente. Parece que ainda estamos construindo narrativas, cada momento pede outro. Além disso, tentamos reconhecer recorrendo ao passado e, de uma forma geral, reduzindo os erros.

Não importa como a vivência chegou até aqui, como ela se apresenta ou como se apresentou no passado. As imagens que chegam quando fechamos os olhos são imagens da nossa interioridade produzidas pelo espírito. Não se trata, portanto, de um mundo estável, mecânico.

, A gama dos modos de representação de imagens particulares está a vontade do espírito. Então, neste caso o corpo seria um instrumento do espírito cuja tarefa seria dar forma material às imagens da memória?

Por não saber tudo, acho que seria conveniente, nesse caso, refletir com base no conhecimento de Kileuy e Oxaguiã:

> Mas precisamos diferenciar os termos incorporação e mediunidade. A mediunidade faz o médium escutar, receber e escrever mensagens dos espíritos/almas, que são transmitidas aos homens. Sendo assim, o médium é o intermediário entre os seres vivos e as almas dos mortos, bem explicado pelo espiritismo, por meio dos livros de Alan Kardec.3

Está claro que a mediunidade não é incorporação, mas um diálogo entre o médium e o espírito do morto. Um contato com o mundo físico e o mundo espiritual. Não importa qual seja a religião, todas estão à mercê de hierarquias.

No Candomblé os preceitos são rígidos, entretanto, permite o controle das obrigações (oferendas, cultos, cuidados com o *ori)*. Desse modo, os sacerdotes podem ficar a disposição das divindades e cuidar da harmonia e do axé da casa:

> O conhecimento no candomblé é primeiro aprendido para depois ser apreendido e, muito depois, entendido. Todos estes vocábulos juntos se resumem em hierarquia! E ela tem uma escala evolutiva dentro da religião que se inicia pelo abiã, passa pelo iaô, pelos/as ebômis, ogãs, equedes e babalorixás/iy alorixás. Numa escala vertical, o posicionamento seria o inverso. A hierarquia, contudo, não isenta ninguém de trabalho! Ela só delimita espaços, organiza a comunidade, promove a ordem, delega funções e responsabilidades! A hierarquia também prepara novas pessoas para novas funções, pois o iaô de hoje será um babalorixá amanhã. Ele precisa conhecer bem os meandros das diversas graduações para poder retransmiti-las.4

Segundo Kileuy e Oxaguiã (2009, p.44), “uma casa de Candomblé costuma ser reconhecida de longe, pois geralmente é toda pintada de branco e possui um grande pote de barro [...] em cima do muro ou do portão”. Contudo, o que aproxima todas as casas é o assentamento de Exu, o dono das portas e das estradas. O regente do dia e da noite que controla o efêmero e o transitório decidindo quem entra ou quem sai. Perto da casa desta divindade fica a morada de “Ogum, para trazer defesa para a casa”5

---

3 OXAGUIA, O. K. E. V. **O candomblé bem explicado Nações Bantu Ioruba e Fon**. Rio de Janeiro: Pallas Editora e Distribuidora Ltda, 2009. p.51.
4 Ibidem, p.54.
5 Ibidem, p.44.

4.2 Coisas

Quando estamos andando pelas ruas as coisas que deixamos em casa podem influenciar o corpo através da memória porque temos recordações dos momentos que vivenciamos com essas coisas.

Isso acontece porque nossas reações dependem de estímulos, e as coisas que temos em casa ou que encontramos nas ruas estão sinalizando, dialogando, provocando e moldando nossas ações constantemente.

Consta no "Dicionário de Filosofia de José Ferrater Mora" (1978) que, "o conceito de coisa distingue-se do de ente só por uma distinção de razão raciocinante. O conceito de coisa enquanto um dos modos de ser do ente tem maior extensão do que o conceito de coisa material" 6

Figura - Incorporando coisas a partir da ideia de monumento 60x80, 2017. Carlos Roberto Silva. Fonte: Autoria própria.

6 MORA, J. F. **Dicionário de Filosofia**. Lisboa: Dom Quixote, 1978. P.40.

Nesta incorporação, a ideia em suma seria trazer o passado ate o presente incorporando ideia alheia. Não se trata, de recortar a historia de Michelangelo, mas de atualizar o conceito de monumento. Aqui, o que vemos é um modelo vivo, que nunca foi representado por estátuas de mármore, bronze ou gesso. Pois o seu perfil étnico não configura mito, herói ou Deus, tampouco um cânone. No entanto, unindo as coisas com o meu corpo no espaço, este último pode sofrer alterações quando dá lugar a outros corpos.

A meu ver, pensar o conceito de coisa como extensão do meu corpo é o mesmo que dizer que as coisas matérias estão acima das outras coisas porque estão mais próximas do meu corpo ou unidas a ele.

Bernadete Franco Grilo Machado é mestre em filosofia e investiga a fenomenologia da percepção do filósofo francês Maurice Merleau-Ponty (1908-1961). Em seu artigo, “Corporeidade e Existência em Merleau-Ponty” (2011), Machado enfatiza que o interesse do filósofo é a experiência do vivido e o movimento do corpo com as coisas e com o outro.

Segundo Machado (2011, p.47-48), Merleau-Ponty discute o processo de compreensão a partir da experiência. Portanto, Merleau-Ponty deixa claro sua preocupação com o movimento da vida na condição humana.

A Fenomenologia da percepção de Merleau-Ponty fala do exame fenomenológico e aponta um de seus principais problemas: a essência das coisas. No entanto, segundo Machado, o quadro muda se essa análise for feita a partir de comparações, quer dizer, em coexistência. Nesse contexto, o que caracteriza o fenômeno é o movimento do corpo em existência com os elementos do mundo vivido. Como esclarece Machado:

> De certo modo, impregnamos as coisas, as paisagens, a temporalidade, a espacialidade com a nossa carnalidade. Andamos em ruas, entre os carros, abrimos portas, entramos em casas, tocamos nas coisas, e nesse movimento o nosso corpo vai dialogando com as coisas, interagindo e ampliando sentidos. 7

7 MACHADO, B. F. G. **Corporeidade e existência em Merleau-Ponty**. Revista do Núcleo de Estudos e Pesquisas Interdisciplinares em Musicoterapia, Curitiba, v.2, n.0, p.49.

Vale lembrar, que essa leitura serve para condicionar o meu corpo em relação às coisas que utilizo em meus trabalhos concebendo um corpo capaz de relacionar, agregar e estabelecer os parâmetros acerca do seu novo aspecto.

Por isso, considerei os seguintes fenômenos: a percepção, o movimento, o espaço e o tempo. A percepção é responsável pelo reconhecimento ou compreensão de determinada coisa ou ocorrência, ou seja, é o que forma a ideia. O movimento tende à evolução do meu corpo no espaço (o corpo indo à coisa). O espaço abriga todos os elementos, pois é o meio onde acontecem as ações. O tempo é a medida de duração dos fenômenos, intervalo que separa os corpos.

4.3 Corpo

A problemática que envolve o conceito de corpo vem se desdobrando desde a antiguidade. Um dos conceitos seria que o corpo tem extensão, portanto, podemos considera que o corpo é um espaço. A meu ver, sendo o corpo um espaço pode abrigar outros corpos.

Segundo Aristóteles:

> Corpo e uma realidade delimitada por uma superfície, o corpo tem, pois, efectivamente extensão: e um espaço e, na medida em que for algo, uma substancia. As discussões em torno da noção de corpo, na antiguidade, referiram-se quase sempre a penetração ou não penetração do corpo por uma forma: enquanto Aristóteles se inclina a supor que ha inevitavelmente em toda a corporidade uma formação [...]. 8

8 MORA, J. F. **Dicionário de Filosofia**. Lisboa: Dom Quixote, 1978. p.57.

Em suma, o que eu entendo é que, meu corpo vê outros corpos e também é atraído por eles. Sou capaz de ver meu corpo incorporado nas coisas em movimento no espaço e no tempo, ao mesmo tempo, sou visto pelo outro em atividade.

Tais ações são provocadas por estímulos que posso sentir na minha carne. Os estímulos vêm de fora e provocam nossos órgãos sensórios. Mas o espírito é incorpóreo, no entanto, é ele quem compreende e transfere para a carne os estímulos que são percebidos e transformados em sentimentos no interior do corpo que, por sua vez, retribui expressando-se no espaço.

Na concepção do Doutor em filosofia Leandro Neves Cardim, isso quer dizer que:

> Aquilo que está entre esses dos pólos ou faces do corpo, [...] o que há entre esses dois extremos é a carne, a qual liga o corpo e o mundo de modo indivisível. O corpo está no meio das coisas. [...] O corpo é dotado de reflexividade, [...] um visível que vê-vendo. O corpo é um visível que se faz vidente no interior da visibilidade 9

No artigo "Merleau-Ponty: a ambiguidade da experiência do corpo próprio" (2009), Cardim admite a importância de Merleau-Ponty e dos seus estudos sobre o corpo na história da filosofia.

O artigo de Cardim põe em evidência a autenticidade dos estudos deste filósofo em relação ao corpo que, segundo ele, se torna ainda mais evidente visto pela ótica da filosofia merleaupontyana, que encurta a relação entre corpo, mundo, coisas e o outro. 10

Portanto, não podemos evitar o movimento de troca que estamos submetidos. Isso inclui dizer que, não se trata de se fechar em particularidades, mas de reconstruí-las, ampliando os modos de comunicá-las.

---

9 CARDIM, L. N. **Corpo**. São Paulo: Globo: Filosofia frente e verso, 2009. P120-121.
10 Ibidem, p.1.

4.4 Figura e fundo: análise sobre a incorporação nas coisas

O recorte na folha de papel nesta imagem, por exemplo, lembra uma moldura. Mas o que está por detrás desta incorporação?

Vejo dois momentos: no primeiro sou incorporado (fundo) pelo recorte (figura) dando-nos noção de figura e fundo. No segundo apareço em primeiro plano (figura) deixando o recorte (fundo) em segundo plano. No primeiro estou passivo sou incorporado pela coisa, enquanto no segundo sou incorporador.

Figura - Dois Momentos (primeiro momento), 50x70, 2018. Carlos Roberto Silva.
Fonte: Autoria própria.

Figura - Dois momentos (segundo momento), 50x60, 2018. Carlos Roberto Silva.
Fonte: Autoria própria.

Esta ação envolve corpo, coisa, espaço e tempo. Como vêem nessas imagens, de uma forma geral, enxergamos mais do que desvios e provocações. Há, portanto, possibilidades construtivas a partir da reverberação do meu corpo encarnado nas coisas que encontro na minha casa ou em outro lugar, comum a qualquer pessoa.

Nesse contexto, as coisas podem nos levar a outros lugares, como um fio condutor construindo relações de troca. Lugares reais ou imaginários, isto é, lugares que visitamos no passado.

As imagens que vemos em nossas lembranças são, a meu ver, reflexos de coisas reais que já conhecemos. Isto é, o repertório imagético na memória está em constante atividade transformadora se atualizando no movimento da vida.

Por isso, é imprescindível neste estudo a problemática acerca do movimento substancial da existência, que une o sujeito com as coisas no mundo vivido.

4.5 Lembranças e sentimentos

Nossas lembranças são imagem que a memória armazena. Em outras palavras, experimentamos o mundo e guardamos o vivido como recordações.

Durante minhas aflições, cuidado e esforço para incorporar coisas, as lembranças significam e exercem a representação a partir do meu corpo que desempenha a função de ator para expor suas queixas. Portanto, sou figura como símbolo que se apresenta ao espírito na pratica da vida, isto é, neste ensaio ou tentativa de incorporar coisas que encontro na minha casa.

Quando estou dado por entrega, aplicado a este encargo que se dá a um enviado estou no presente, mas dirigindo meus olhos para velar e me interessar apenas pelo passado.

A meu ver, as lembranças controlam e dirigem minhas atividades mecânicas, regulam meus movimentos porque também é excitação orgânica, ou seja, os estímulos externos podem transitar no interior do meu corpo e condicionar minhas lembranças.

Portanto, minhas ações são como as de um funcionário das imagens remotas que abusam e se aproveitam das minhas utilidades para dar a entender a partir de minhas manifestações antigas aflições. Por isso, meu interesse pelo corpo próprio.

Esse olhar interessado na experiência corporal está explícito na filosofia merleaupontyana como fio condutor de suas pesquisas fenomenológicas, como explica Machado:

> É, portanto, a historicidade da experiência vivida que sustenta a fenomenologia em Merleau-Ponty. Esse modo de ser da experiência que é sempre atualização e projeção e que não se esgota no presente [...]. É mediação e não objetivo principal. As relações do ser não são relações de significações separadas do que o ser é em existência vivida. 11

11 MACHADO, B. F. G. **Corporeidade e existência em Merleau-Ponty**. Revista do Núcleo de Estudos e Pesquisas Interdisciplinares em Musicoterapia, Curitiba, v.2, n.0, 2011. P.56.

Na minha concepção, se a vida é acontecimento meu corpo se atualiza incorporando nas coisas. Em “Coisas incorporadas: manta e tecido”, incorporo para simbolizar minha ancestralidade cuja significação constitui herança cultural e religiosa.

São inspirações que buscamos em outrora para reconhecer no presente nossa identidade e semelhança, mas também para compreender no presente determinada situação que se mostra indiferente à razão.

Neste sentido, estou comunicando e expressando a partir de imagens da minha experiência no mundo, isto é, sou revisitado por essas lembranças que se alimentam no passado.

Por isso, recorremos às impressões quando somos provocados por estímulos, que podem alterar nosso comportamento, quer dizer, quando o que está fora é capaz de aguçar nossos sentidos, ou melhor, o que está dentro.

É importante ressaltar, que os sentidos se organizam no interior do corpo. Assim, o corpo serve como abrigo aos nossos sentimentos, controlando e codificando essa força interna.

Os sentimentos permanecem armazenados no interior do corpo por tempo indeterminado, até que novos estímulos sejam reconhecidos.

Quando desejamos nos comunicar usamos as expressões gesticulando, falando, dançando etc. Não sendo o bastante, recorremos às coisas como extensão do corpo. Assim, nossos sentimentos são levados a deixar essa interioridade para se comunicar com o mundo externo.

4.6 A experiência

Pode-se dizer que, agindo em conjunto com as coisas estou comunicando e transmitindo impressões e sensações armazenadas no interior do meu corpo? Isto é, o mundo se comunicando com o meu corpo que retribui essa comunicação em gestos enquanto incorporador. É o mesmo que experimentar o que é percebido no próprio corpo. Em outras palavras, nossos movimentos dependem das coisas do mundo, deste modo, o corpo, as coisas, o outro e o mundo fazem parte da mesma

estrutura. Quer dizer, como um todo.

> Em Aristóteles, a experiência fica mais bem integrada dentro da estrutura do conhecimento. Para ele, a experiência surge da multiplicidade numérica de recordações; a persistência das próprias impressões é o tecido da experiência à base do qual se forma a noção, isto é, o universal. A experiência é, pois, a apreensão do singular; sem esta apreensão prévia, não haveria possibilidade de ciência. Além disso, só experiência pode proporcionar os princípios pertencentes a cada ciência; devem observar-se, primeiro, os fenómenos e ver o que são para proceder, depois, a demonstrações 12

O que eu entendo é que Aristóteles considera, sobretudo, o método que observa a simplicidade dos fenômenos. Mas também à experiência antes de qualquer julgamento. Ou seja, a observação dos pormenores dos fenômenos para se chegar até a compreensão e transmissão dos fatos. Isto seria, na minha concepção, um modo de estruturar nossos conhecimentos.

Tal como a ideia de incorporação nas coisas deve ser compreendida: um convite à participação no espaço, mas unindo sua carnalidade com as coisas, quer dizer, o espectador precisa primeiro incorporar, refletir e compreender os resultados desse fenômeno para depois fazer seus próprios julgamentos.

Parafraseando Hélio Oiticica (1986) é importante frisar que esse acontecimento criativo começa no espaço e se realiza no espaço. Hélio não esconde o seu interesse por experiências com o corpo e as coisas no espaço real: “toda minha evolução chega à formulação do Parangolé [...], incorporação mágica dos elementos da obra [...] vivência total do espectador agora participar”. 13

---

12 MORA, J. F. **Dicionário de Filosofia**. Lisboa: Dom Quixote, 1978. P.101.
13 OITICICAS, H. **Aspiro ao Grande Labirinto**. Rio de Janeiro: Rocco, 1986. P.71.

Figura - Parangolé P1, Capa, 1964. Helio Oiticica.
Fonte: (httpl://enciclopedia.itaucultural.org.br/obra66394/parangole-p-1-capa-1).

Hélio Oiticica (1937-1980) foi um artista plástico brasileiro conhecido pelo seu caráter transgressor e controverso, sobretudo, com sua obra intitulada de Parangolé (1964). A meu ver, Parangolé contribui com este estudo com seu caráter transgressor em relação ao posicionamento das classes dominantes como padrão a ser seguido pelas classes eleitas inferiores. Hélio reaparece em “Coisas incorporadas” porque o tecido que incorporo toma posse do meu corpo apontando seus vértices à periferia. Como dizia Oiticica: “incorporação mágica dos elementos da obra” 14

14 OITICICA, H. **Aspiro ao Grande Labirinto**. Rio de Janeiro: Rocco, 1986. p.71.

> Parangolé é a formulação definitiva do que seja anti-arte ambiental, justamente porque nessas obras foi-me dada a oportunidade, a ideia, de fundir cor, estrutura, sentido poético, dança, palavra, fotografia – foi o compromisso definitivo com o que defino por totalidade-obra, se é que de compromissos se pode falar nessas considerações15

A meu ver, Hélio Oiticica usou o termo incorporação como resultado de suas ações no espaço, ou seja, propondo aproximações pela magia da dança e o simbólico por detrás dos elementos em movimento com o corpo no espaço.

Hélio deixou claro seu interesse pelo corpo em movimento no mundo. Na visão do artista essa seria uma atitude corporal inevitável. O corpo com os elementos do mundo se desdobrando e moldando a partir de suas ações outros tipos de linguagens e comportamentos.

Segundo ele, seus Parangolés tornaram isso possível:

> Também a "tenda" é erigida pela relação ambiental que exige aqui um "percurso do espectador", um desvendamento da sua estrutura pela ação corporal direta do espectador. Essa relação é, pois contingente, inevitável e perfeitamente coerente dentro da dialética do Parangolé. O "achar" na paisagem do mundo urbano, rural etc. "estabelece relações perceptivo-estruturais" do que cresce na trama estrutural do Parangolé (que representa aqui o caráter geral da estrutura-cor no espaço ambiental) e que é "achado" no mundo espacial ambiental 16

Portanto, a citação se aproxima dos nossos questionamentos sobre os modos de incorporação nas coisas como prática artística, e as possibilidades a partir dessa conexão.

---

15 SOUZA, G. G. E. **A transgressão do popular na década de 60: os Parangolés e a Tropicália de Hélio Oiticica**. Editora Risco Artigos e Ensaios, São Paulo, n.3, 2006. p.92.
16 OITICICA, H. **Aspiro ao Grande Labirinto**. Rio de Janeiro: Rocco, 1986. p.68.

Embora o termo não venha explícito na mesma é plausível dizer que, o caminho à realização de tais desejos só seria possível pela aproximação do corpo com as coisas. Pois o trecho: “o achar na paisagem do mundo urbano, rural etc. estabelece relações perceptivo-estruturais”, a meu ver, é o mesmo que incorporar o achado no mundo para comunicar e propor relações entre corpo, coisas e o outro. Portanto, é importante destacar que o ser humano precisa comunicar suas aspirações.

4.7 Retransmissão

O que guardamos em nossa memória são registros de experiências que retornam como lembranças e, por algum motivo, se tornaram importantes. Por isso, às vezes, fazemos questão de relembrar e transmitir o que não podemos simplesmente descrever ou comunicar com palavras ou sons orais.

Contudo, somos levados a aceitá-las, às vezes, contra a nossa vontade, como por exemplo, a lembrança de alguém que nos magoou.

Mas se nossas lembranças são provocantes, importantes, surpreendentes e diferenciadas é porque estamos constantemente recebendo e doando afetos.

Por isso, essa retransmissão é necessária, pois o meu corpo precisa se atualizar e se manter comunicativo.

De uma forma ou de outra expressamos nossas emoções com atitudes: palavras, gestos, sons, vídeos, desenhos, olhares, fotografias entre outras manifestações possíveis que podem demonstrar nossa sensibilidade.

4.8 Fotografia como registro

Meu primeiro contato com a fotografia foi na disciplina Arte digital 1 (2016), na Escola de Belas Artes (UFRJ), onde meu conhecimento prático e teórico foi ampliado de forma significativa. Foram experiências importantes para trabalhos introdutórios à incorporação nas coisas como articulação para manifestar o que penso e sinto. Manguel (2001), por sua vez, reforça a importância da linguagem

artística como meio de comunicação às sociedades, muito antes do seu tempo:

> Em meados do século I d.C., no trigésimo quinto livro da sua História natural, o erudito Plínio, o Velho, escreve que embora os egípcios reclamassem para si a invenção das artes da pintura e da escultura antes que elas tivessem chegado à Grécia, enquanto os gregos por sua vez afirmavam que essa invenção tivera lugar em Sicioíne ou em Corinto, havia uma concordância geral de que a arte de reproduzir figuras humanas começara pelos desenhos do contorno da sombra humana.17

Esta citação do ensaísta Alberto Manguel (2001) na verdade, serviu de introdução à reflexão deste autor sobre a natureza do aparelho fotográfico e do seu produto (a fotografia) a partir do seguinte trecho:

> Segundo Plínio, a filha de um certo ceramista apaixonou-se por um jovem estrangeiro. Quando chegou a época de seu amado partir, ela traçou o contorno da sombra do rosto dele em uma parede e pediu ao pai para preencher as linhas com argila, criando assim uma imagem do seu amante ausente. 18

Portanto, as primeiras inspeções feitas cuja intenção seria comunicar sentimentos já apontavam as divergências para algo bem maior que começa no vivido e jamais de outro modo.

Com essa perspectiva, seria importante por em prática nossa fidelidade à memória. Assim, a meu ver, seria possível expressar, comunicar e compartilhar nossos sentimentos.

Contudo, inevitavelmente somos levados a lidar com a nossa subjetividade em contraste com os nossos objetivos e com a necessidade de propor e se comunicar com o outro.

---

17 MANGUEL, A. **Lendo Imagens: uma historia de amor e ódio**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001. p.89.
18 Ibidem, p.89.

O uso da fotografia e do vídeo é um bom exemplo para compreender modos de comunicação no campo da Arte Contemporânea.

Atualmente a comunicação pode ser feita indiretamente pelo uso da fotografia e do vídeo na ilusão de um tempo real, mas a máquina não é dotada de sensibilidade. Acredita-se estar diante do vivido, imagem fidedigna da realidade. Esse ilusionismo é, primeiramente, uma característica da fotografia.

Segundo Manguel (2001. P.92) “a fidelidade que a fotografia reivindica permitiu (e ainda permite) que ela seja manipulada sem protestos, uma manipulação que as técnicas eletrônicas agora tornaram ainda mais perceptível”.

Por isso, experimentar é necessário, agindo desta forma a interioridade transborda. No entanto, sua transmissão ainda é invisível, trata-se de uma comunicação muda e solicita uma ação corporal criadora.

Figura - Experiência com tecido e fotografia, 60x80, 2017. Carlos Roberto Silva.
Fonte: Autoria própria.

Desse ponto de vista constatei algumas especificidades do ato fotográfico como, por exemplo, minhas vontades (meu corpo em movimento no espaço agitando-se em contato com as coisas, transformando-se e moldando meu aspecto). Agindo desta forma me apropriei das coisas e transformei o espaço da representação. Minha casa deixou de ser um lugar comum. Visto pelo vídeo ou na fotografia tornou-se um novo lugar. Na visão do espectador esse espaço pode ser qualquer coisa que nasça em sua imaginação.

> A fotografia, porém, embora admitindo a subjetividade da câmera, repousa na nossa convicção de que aquilo que nós, os espectadores vemos existiu de fato, que aquilo que ocorreu em determinado momento e que, como realidade, foi apreendida pelo olho do observador. 19

Este fragmento enfatiza, portanto, o papel do corpo como peça chave à comunicação, mas não propõe aproximações à experimentação dos sentidos pelo tato.

Não utilizo a fotografia apenas para registrar minhas ações, mas também para expor os pormenores das proposições com mais clareza considerando esta pesquisa como documento de estudo em artes à posterioridade.

Por tanto, o uso da fotografia é indispensável neste estudo pensando na difusão do mesmo em outras mídias visando ampla comunicação dos fatos que estão à vista nesta pesquisa. No entanto, nesta confusão de fazer para si e para o outro se ofuscam, às vezes, as legítimas expressões do vivido. Por isso, se faz necessário comunicar o que o outro não pode ver.

Contudo, não há dúvidas de que o mundo é brilhante como modo expressivo de falar e gesticular. Há múltiplas variações executadas para formar idéias, adquirir conhecimento do próprio corpo e dos objetos que nos cercam.

Poder-se-á, é verdade, moldar-se à obtenção e elevação para se achar ou se encontrar em dado momento. Mas, sobretudo, no curso dessa evolução, assinalar algo para que se veja, isto é, o próprio corpo.

---

19 MANGUEL, A. **Lendo Imagens: uma historia de amor e ódio**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001. p.93.

Não se trata apenas de grande experiência de vida, mas de ter vida, de viver com as pessoas ou com os objetos, ou seja, com tudo que existe ou pode existir no mundo. 20

O indivíduo, ou melhor, o corpo nessa atividade coletiva, nessa agitação, nessa evolução, tende a resistir com êxito e manter essa proximidade, essa aderência. Essa troca é vital à relação do meu corpo com as “Coisas incorporadas” e com o outro no mundo.

20 - MACHADO, B. F. G. **Corporeidade e existência em Merleau-Ponty**. Revista do Núcleo de Estudos e Pesquisas Interdisciplinares em Musicoterapia, Curitiba, v.2, n.0, 2001. p.40-50-51.

5 CONSIDERAÇOES FINAIS

Por todas essas ideias apresentadas considero o estudo relevante. Primeiramente porque possibilitou aproximações entre incorporação espiritual e física; a) no candomblé o corpo físico é incorporado por uma substância incorpórea, neste caso o orixá; b) a incorporação nas coisas parte do físico para o espiritual, pois as lembranças são impressões provocadas pelo espírito, ou seja, são igualmente substâncias incorpóreas. Por se tratar de uma questão do corpo próprio, vale lembrar que, as imagens que chegam à memória são imagens particulares. Será que desta perspectiva as imagens particulares são determinantemente incorpóreas?

Considero que minhas tentativas de incorporar coisas estão à frente das minhas inquietações seguindo por um caminho propício a novas incorporações, ou seja, modos ampliados de incorporar coisas.

Esta ideia ganhou peso na leitura sobre Machado e Cardim onde verifiquei uma preocupação com o movimento do corpo no mundo. Chegou-me à luz do pensamento como um caminho que leva à instabilidade, algo ligado mais à deriva, pois a ideia de mundo me parece infinitamente ampla.

Portanto, almejo a incorporação nas coisas no espaço urbano à vista de todos. Neste caso, compreendo que às possibilidades de alcançar outros sentimentos se torna mais significativa, por se tratar de um território pouco explorado em comparação com o que tenho visto no circuito de Arte Contemporânea em proposições envolvendo o corpo incorporando as coisas no espaço urbano.

Porém, durante essa leitura fui instigado por um pensamento crítico acerca da ideia de incorporação nas coisas a partir de lembranças. Neste sentido, o espectador pode ser levado por um caminho à individualidade aguda. Por se tratar de um olhar para dentro de si mostrando-se para o outro.

Mas em Merleau-Ponty não se separa o corpo do mundo físico. Pois a ideia de olhar para dentro do corpo próprio para compreender a própria existência não significa isolar-se do mundo. Por isso, mencionei durante o estudo que, compreendo a relação do corpo com o mundo como movimento substancial quando tratamos do sentimento.

Mencionei também que os estímulos chegam de fora e que o corpo os reconhece. Mas a necessidade de retransmissão transforma esses estímulos em sentimentos que o corpo expressa na exterioridade. Neste sentido, vejo as pessoas unindo seus corpos com as coisas para quem sabe dar um bom dia.

O que eu entendo é que embora minha intenção seja olhar para dentro do meu corpo como lugar superior e único capaz de suprir minhas necessidades há uma barreira que em impede de seguir nesta direção.

Vale lembra que verificamos neste estudo que, as imagens que chegam à memória são imagens da nossa vivência, que retornam sempre que o nosso corpo é estimulado por alguma coisa que está ou já esteve à vista no mundo real. Quer dizer, o que está na memória são impressões do mundo real.

A partir desta reflexão considerei o seguinte: é possível distorcer as histórias que nos são contadas, grosso modo transformando os fatos em mentiras. Contudo, ainda estamos falando de coisas que existem ou existiram. Podemos abrir mão de tudo que conhecemos e criar novas coisas, novas imagens?

Neste contexto, é necessário propor outras tentativas de incorporação que possam descortinar possíveis dúvidas neste sentido.

Contudo, apenas mencionei indagações que surgiram durante a pesquisa. Mas que servem de base a outros levantamentos.

Assim, além das proposições eleitas como lembranças materializadas deixei à vista outros trabalhos que não foram formulados a partir de lembranças. Porém, são incorporações cujo olhar se volta para questões ligadas ao espaço e ao tempo.

Neste momento da pesquisa, considerei minhas proposições como possibilidades criativas em Cursos de desenho Livre com propostas de estudos didáticos voltados à percepção, proporção, anatomia, perspectiva etc. Contudo, colocando em questão a própria existência com as coisas que podem nos levar a outros lugares como, por exemplo, à ancestralidade.

Olhando por esse vértice posso reconhecer o que sou, mas sem saber o que seria. Por isso, optei pela distância, em outras palavras, desta perspectiva vejo pouco ou quase nada, no entanto, seria demasiadamente controverso desconsiderar pessoas com as quais fundei minhas bases.

Pois, a meu ver, não entenderiam esse desvio. Por outro lado, quantas coisas deixam de ser incorporadas?

Considero a presente pesquisa uma porta aberta revelando os valores por detrás

da incorporação nas coisas.

Do mesmo modo, outras portas se abrem revelando dezenas de interrogações. Entretanto, antes de aceitar o desafio proposto neste estudo acerca do corpo próprio incorporando coisas íntimas que encontrei na minha casa, o tecido, em especial, já tinha sido experimentado em outras proposições.

Este objeto, na minha concepção, pode significar muito. Por isso, cheguei a imaginar meu corpo se perdendo em gestos. Tomado por estase total diante das possibilidades de incorporar outras coisas que, somente um estudo mais denso sobre este tema poderia desvendar. Tais como;

a) Incorporar o tecido como casulo, um mergulho profundo no passado; b) Ou como uma grande superfície plana branca estendida e embebida de pigmentos coloridos registrando os corpos dos seres que dela se servirem; c) uma infinidade de tendas brancas espalhadas na periferia quebrando o paradigma das alvenarias à força mercantil ou baixa da violência urbana que entre quatro paredes se sustenta; d) melhor, um grande tapete branco monumental onde seria possível colorir, imprimir, rabiscar, isto é, registrar o seu autêntico e exclusivo modo de comunicar sua vivência à deriva no mundo. Deve-se reconhecer que é possível incorporar coisas por uma vida inteirar. A meu ver, existem mais coisas para incorporar do que seres humanos!

REFERÊNCIAS

CARDIM, L. N. **Corpo**. São Paulo: Globo: Filosofia frente e verso, 2009. 38p.

KOGAN, L. **Pequeno Dicionário Enciclopédico**. Rio de Janeiro: Larousse do Brasil Ltda, 1979. 1644p.

MACHADO, B. F. G. **Corporeidade e existência em Merleau-Ponty**. Revista do Núcleo de Estudos e Pesquisas Interdisciplinares em Musicoterapia, Curitiba, v.2, n.0, p.47-58, 2011.

MANGUEL, A. **Lendo Imagens: uma historia de amor e ódio**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001. 358p.

MORA, J. F. **Dicionário de Filosofia**. Lisboa: Dom Quixote, 1978. 301p.

OITICICA, H. **Aspiro ao Grande Labirinto**. Rio de Janeiro: Rocco, 1986. 83p.

OXAGUIA, O. K. E. V. **O candomblé bem explicado Nações Bantu Ioruba e Fon**. Rio de Janeiro: Pallas Editora e Distribuidora Ltda, 2009. 554p.

SOUZA, G. G. E. **A transgressão do popular na década de 60: os Parangolés e a Tropicália de Hélio Oiticica**. Editora Risco Artigos e Ensaios, São Paulo, n.3, p.86-102, 2006.

WEB

Biografia de Helio Oiticica - eBiografia. Disponível em: <https://www.ebiografia.com/helio_oiticica/> Acesso em: 18 jun. 2018

Bori performance-art: oferenda a cabeça. Disponível em: <https://ayrsonheraclitoart.blogspot.com/2009/09/bori-performance-art-oferenda-cabeca.html?m=1> Acesso em: 1 jun. 2018

Candomblé. Disponível em: <https://afinsophia.wordpress.com/category/candomble/page/11/?iframe=true&preview=true%2Ffeed%2F> Acesso em: 18 jun. 2018

Dalton Paula. Disponível em: <https://googleweblight.com/i?u=https://daltonpaula.com/&hl=pt-BR> Acesso em: 18

jun. 2018

Estudante denuncia racismo na universidade.. Disponível em: <https://www.brasil247.com/pt/247/favela247/175626/Estudante-denuncia-racismo-na-universidade.htm> Acesso em: 18 jun. 2018

Falta de água na baixada. Disponível em: <https//g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/2013/10/falta-de-agua-na-baixada-fluminense-e-problema-antigo-dizem-moradores.html> Acesso em: 27 jun. 2018

Os bairros mais caros e baratos do Rio de Janeiro. Disponível em: <https://exame.abril.com.br/seu-dinheiro/os-bairros-mais-caros-e-baratos-do-rio-de-janeiro/> Acesso em: 27 jun. 2018

PARANGOLE P1, Capa. . Disponível em: <httpl://enciclopedia.itaucultural.org.br/obra66394/parangole-p-1-capa-1> Acesso em: 18 jun. 2018

Terreiros de candomblé. Disponível em: <https://ocandomble.com/2008/04/29/terreiros-de-candomble> Acesso em: 5 jun. 2018